

SEXUALIDADE E REALIZAÇÃO HUMANA: A PROPOSTA DA IGREJA CATÓLICA

Prof. Dr. Nilo Agostini¹

Este texto foi publicado na Revista *Religião e Cultura* (PUC-SP), vol. VII, n° 13, junho de 2008, p. 71-82.

Resumo

A sexualidade é uma das maiores riquezas do ser humano; sua realização está intimamente ligada a ela. Vivê-la com equilíbrio e maturidade é hoje o grande desafio. As mudanças trazidas pela modernidade e pela pós-modernidade introduziram padrões e comportamentos que mudaram a forma de viver a sexualidade. A visão fragmentada da modernidade e as manifestações miniaturizadas da pós-modernidade tendem a reduzir o seu potencial e a banalizar o seu valor. A Igreja Católica, por sua vez, propõe uma visão integral do ser humano, na qual a sexualidade é parte integrante de todo o seu ser; capta a sua riqueza, sendo ela um bem; busca vivê-la no amor, no dom de si, buscando sempre o bem das pessoas e da sociedade. Assim, a sexualidade torna-se fonte de realização e de comunhão entre as pessoas e com o próprio Deus.

Palavras-chave: sexualidade, realização humana, Igreja Católica, modernidade, pós-modernidade

Introdução

Num tempo de manifestações culturais multifacetadas como o nosso, marcado por forte diversidade, a vivência da sexualidade humana coloca o ser humano numa encruzilhada. Muitas são os caminhos e as escolhas possíveis. Para viver esta riqueza inscrita no mais profundo do humano, a modernidade e, agora, a pós-modernidade oferecem-nos modelos de vida, padrões de comportamento e linguagens que interferem diretamente no processo vivo e dinâmico que a sexualidade desperta em nossas vidas.

Um desafio delinea-se no horizonte: Como crescer e realizar-se integrando a sexualidade? Com o auxílio das próprias ciências, cunha-se hoje uma evidência: A realização humana passa necessariamente pela integração da sexualidade! O seu lugar no edifício da vida é decisivo para a estabilidade de cada um de nós como pessoas, das famílias, das comunidades e da própria sociedade. O lugar que ela ocupa é decisivo para o projeto de vida que buscamos cultivar. É bom dar-se conta que a sexualidade tanto abre

¹ Nilo Agostini é frade franciscano (OFM), sacerdote, doutor em Teologia pela Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg, França, Professor de Teologia, pesquisador e autor de mais de uma dezena de livros e várias dezenas de artigos em revistas especializadas.

quanto fecha caminhos. Ela tem a capacidade de potencializar as pessoas e as comunidades; ela participa da criação de um substrato humano para o bem-estar das famílias e da sociedade. No entanto, ela pode ser vivida de maneira desintegrada e comprometer a vida pessoal e social, bem como atingir a própria vida espiritual, sendo fator de despersonalização e/ou de desumanização.

1. A sexualidade num tempo de grandes mutações

As mutações vividas em nossa sociedade, nas últimas décadas, afetam fortemente o quadro da sexualidade. Não faz muito tempo que nossas populações tomaram contato com a modernidade, processo que ocorreu através da urbanização acelerada e da industrialização crescente. No Brasil rural, tradicional, toda a vida era organizada a partir de padrões uniformes e unânimes, próprios de uma sociedade heterônoma, com matriz fortemente católica e uma visão centrada em Deus. Os costumes, a moral e a própria sexualidade eram vividos dentro de um quadro estático, que buscava dar às pessoas clareza na vivência de valores, papéis e ritos e afirmava na sociedade uma “coesão” própria da cristandade. A Igreja, inicialmente ligada ao Estado, detinha, junto com a Família e a Escola, a educação. Praticamente durante três séculos foram sendo amalgamadas as bases que sustentaram a vida dos povos de nossas terras. Forjaram uma religiosidade de matriz católica, oscilando entre uma pastoral rígida e uma flexibilidade moral².

Rígida era a postura dos missionários que aqui chegaram diante do mal que campeava por estas terras, tais como os costumes desregrados dos colonos, especialmente na área da sexualidade. Para combater essas dificuldades, as ordens religiosas buscaram reforçar a organização da base familiar de tipo patriarcal e tentaram combater as transgressões sexuais, estendendo a sua ação aos campos da religiosidade e da exploração social. Porém, não faltaram vozes, no Brasil colônia, que incentivaram as “solturas” que tanto incomodavam os missionários jesuítas, por exemplo. Eram vozes oficiais como a de Pero Borges, ouvidor na Bahia, de Duarte da Costa e Mem de Sá. Muitos foram os que tentavam neutralizar o rigor dos inicianos.

Amalgamou-se em solo brasileiro uma visão própria da sexualidade, marcada pela rigidez, por um lado, estigmatizada até, e por certa flexibilidade nos costumes, por outro lado. À medida que a modernidade se impõe, impulsionada pela urbanização e industrialização, a visão de indivíduo passa a ser central. A referência, antes centrada em Deus, passa agora a centrar-se no indivíduo, cuja afirmação faz da sexualidade um campo de domínio e administração livres; este cultiva a idéia de ser “dono” de sua sexualidade e do seu corpo. Usa-os e desfruta deles como bem entende. Trata-os como “objetos”, numa separação do “eu pessoal” e do “corpo” ou a sexualidade. Fora da unanimidade e uniformidade do passado, agora a própria sociedade apresenta-se pluralista e policêntrica. Vivemos uma “sexualidade plástica”, descentralizada, não mais dependente da reprodução, mas sim centrada no indivíduo, livre até da subordinação ao masculino.

² Cf. N. AGOSTINI, *Ética e evangelização...*, pp. 60-66.

Na esteira da modernidade, não tardou em perfilar-se a pós-modernidade. Tem-se por vezes a impressão que “tudo se torna sexual”³. Vive-se uma vertigem na vivência da sexualidade, uma pós-orgia da modernidade, indicando uma liberação em todos os domínios. Vários são os estilos de vida com seus respectivos comportamentos sexuais. É assim que se apresenta agora a sexualidade. Não se faz menção a um padrão social e religioso. Ela está atrelada ao “eu”. O neo-liberalismo soube logo captar o quanto uma economia erotizada pode vender, quanto o consumo do sexo é apelativo, numa cultura sexual que vai gerando consumidores dependentes. A prática sexual já não depende mais das antigas obrigações. Instaure-se uma nova ordem amorosa/sexual, com autonomia dos sujeitos, dando espaço para os prazeres eróticos. Vive-se uma liberação sem culpa⁴.

2. Entre o “fragmento” e a “miniatura” do humano

Para uma população que até há pouco tempo vivia numa cosmovisão pré-moderna, a história acelerou-se. Fomos jogados ao coração da modernidade e, mal esta havia se instalado em nossas moradas, já vemos a pós-modernidade buscando tecer nossas vidas. A história acelerou-se. Este processo necessita ser compreendido, decifrado, acompanhado em seus meandros, em suas ambivalências, pois contém elementos de construção do humano e elementos corrosivos que podem destruí-lo.

Fomos jogados abruptamente para o futuro. A informatização, a globalização, a pressão da concorrência globalizada sobre as pessoas e as instituições, a emergência de um mundo de manifestações “místico-psíquico-religiosas”, entre outras, só fazem aumentar o nosso ritmo. Andamos depressa. Os resultados devem ser obtidos em curto prazo. Prioriza-se o que é urgente; protela-se o importante. Aceita-se o acessório; sacrifica-se o essencial. O tempo anda curto; não paramos. Andamos estressados; constantes são os distúrbios psicossomáticos⁵.

Nesta corrida, não paramos mais para o cultivo de si, dos outros, da natureza e de Deus. Criam-se, na verdade, vazios existenciais; estes podem ser comprometedores. Mais dia menos dia, a vida cobra este cultivo, este cuidado e, mesmo inconscientemente, o ser humano é urgido a preencher tais vazios, numa ânsia de realização e plenitude. Começam, então, possíveis atropelos, quando as pessoas se contentam com um sistema de compensações que desliza fácil para as compulsões. Cai-se fácil numa cultura consumista, cultivam-se o emocionalismo, o sincretismo e o prazer⁶. Tolera-se uma economia desumana e desigual. A natureza é agredida e o ser humano esvaziado. Nos tornamos insensíveis. Resvalamos na indiferença, no individualismo, no narcisismo.

Crescem os avanços técnico-científicos. Inicialmente marcados pela “fé no progresso, eis que estamos lançados em meio a uma verdadeira revolução científica que vai de mãos dadas com a revolução política, cultural e técnica. Eis a modernidade em sua

³ Cf. A. CARIDADE, *Sexualidade: Corpo e Metáfora*, p. 67.

⁴ Cf. G. LIPOVETSKY, *O crepúsculo do dever*, pp. 72-74.

⁵ Cf. IDEM, *Os tempos hipermodernos*, p. 77.

⁶ Cf. R. ORTIZ, *Mundialização e cultura*, p. 15.

pujança. Ninguém duvida dos avanços e das melhorias da vida por ela efetivados. No entanto, “o ritmo acelerado das invenções, as incertezas geradas, a perda de referenciais... provocaram um desencanto frente à própria modernidade”⁷. Duas constatações saltam aos olhos: a) O ritmo da máquina moderna não está preenchendo o mundo da vida; b) A pretensa autonomia das ciências, cada uma com os seus referenciais para a validação da verdade, levou-nos à fragmentação da realidade, incluído o próprio ser humano. Isto significa que o mundo da vida é mais do que alcança a “máquina” moderna e mais do que apontam as ciências em sua visão fragmentada e, por isso, parcial e passível ao reducionismo.

Num movimento já de pós-modernidade, vivemos uma reação existencial diante “do fracasso da pretensão reducionista da razão moderna, que leva o homem a questionar tanto alguns êxitos da modernidade como a confiança no progresso indefinido”⁸. Produz-se, então, um quadro com as seguintes características: desconfiança da razão, desencanto dos ideais da modernidade, desaparecimento de dogmas, abolição das grandes cosmovisões, dissolução do sentido da história, pluralismo ideológico e cultural, distância entre as gerações, crise aguda da ética⁹. Neste contexto pós-moderno, a história não interessa. Sem memória histórica, constroem-se “micro-histórias”, fragmentadas, sem continuidade, sem passado nem futuro. A vida assenta-se no efêmero, no fragmentado e parcial, no descontínuo e caótico. E, sem freios, agarra-se na primazia dos desejos subjetivos, na realização individual, no amor próprio, dando forma a um individualismo narcisista e a um hedonismo materialista.

Aumenta o individualismo, multiplicam-se as possibilidades de escolha, diluem-se os referenciais, minam-se tanto os sentidos como os valores e qualquer baliza norteadora. Impera a subjetividade, arrastando o ser humano ao individualismo, ao consumismo e ao narcisismo. E entregue ao desejo, eis que ele está arrastado pelos impulsos do “ter” e do “prazer” imediatos, numa economia do desejo, da insaciabilidade das necessidades. Num desejo sem limites e sem controle, os valores passam a girar em torno do ter, do possuir, do desfrutar, do ganhar, do alcançar sucesso para, enfim, deslumbrar os que estão em volta¹⁰.

A miniatura pós-moderna de ser humano não o realiza, na verdade; sim, o ser humano não se sente pleno, realizado. Tomado pelo narcisismo, impulsionado pelo consumismo, o ser humano passa a ser reflexo ou manifestação “miniaturizada do processo de personificação”¹¹. Tudo é vivido em miniaturas: a convivência social com seus grupos afins, tribos afins, circuitos e redes de grupos, minigrupos. Há encontros sim, mas entre iguais, com aqueles que sejam parecidos e tenham as mesmas preocupações imediatas. O encontro com o diferente que desafia o ser humano a sair de si, de ir além, de crescer superando-se não faz parte desta miniatura. Importa mesmo é a atenção a si mesmo, numa

⁷ N. AGOSTINI, *Ética cristã e desafios atuais*, p. 52

⁸ IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, *Documento de Santo Domingo...*, n° 252.

⁹ Cf. I. GASTALDI, *Educar e evangelizar na pós-modernidade*, p. 61.

¹⁰ Cf. J.M. MARDONES, *Postmodernidad y Cristianismo*, op. cit., p. 196.

¹¹ G. LIPOVETSKY, *A era do vazio*, p. 13.

“dessubstancialização pós-moderna”, numa “lógica do vazio”¹². Os indivíduos revelam-se fracos, sem convicções, indiferentes, sem conteúdo, vulneráveis, volúveis. Então, o que acontece? Tudo se liquefaz! Isto se dá com a mesma rapidez das mesmices que se tecem e se desfazem, já que é a atenção a si mesmo que conta.

Sexualidade fragmentada ou miniaturizada: é assim que se movem hoje muitas das escolhas em meio às transformações que atingem a maioria de nossas sociedades, sobretudo ocidentais. Para uma boa parcela de nossas populações, “as transformações que estão atualmente ocorrendo são dramáticas e perturbadoras”¹³. A sexualidade apresenta-se fragmentada quando, repetindo a razão moderna, dividida em distintos saberes, cai numa visão fracionada da mesma, unidimensional e, não raro, reduzida a um de seus aspectos e, por isso, facilmente banalizada. As visões e os comportamentos puramente genitalistas, biologistas e racionalistas são um exemplo disto. E quantas vezes quer-se a realização por inteiro apostando só num aspecto. A sexualidade é miniaturizada quando detém-se na fruição, diretamente vinculada ao subjetivismo, sem critérios fixos ou determinados uma vez por todas. Importa viver o momento, usufruir aqui e agora o que a vida oferece, deter-se no atrativo do belo. Vive-se do imediato, num espaço determinado, porém sem horizonte e sem referência histórica. Errante, o pós-moderno faz da sexualidade o espaço livre, aberto, sem fronteiras para vagar na imagem narcísea que ele faz e desfaz com a rapidez de uma realidade que se liquefaz, porque opaca e débil.

3. A proposta integral da Igreja Católica

A Igreja Católica, no tocante à sexualidade humana, tem uma proposta integral. Difere, portanto, da modernidade e da pós-modernidade. Esta proposta é indispensável para captar toda a riqueza inerente à sexualidade, seu dinamismo próprio e sua importância na realização do ser humano.

3.1. Interesse em conhecer, servir e evangelizar

A Igreja Católica, na esteira do Concílio Vaticano II, sente “a necessidade de conhecer, de aproximar-se, compreender, penetrar, servir e evangelizar a sociedade circunstante, de a acolher, quase diríamos de a percorrer, na sua rápida e contínua transformação”¹⁴. Ela tem igualmente a clareza de que “para cumprir a sua missão, deve esforçar-se por conhecer as situações...” em que se encontra o ser humano hoje; “este conhecimento é, portanto, uma exigência imprescindível para a obra de evangelização”¹⁵.

Ao acionar a ciência eclesial por excelência, ou seja, a Teologia, somos convidados, hoje, a definir quem são os interlocutores e quais são os contextos em que estes se encontram. Este passo nós procuramos realizar nos pontos anteriores, num diálogo com especialistas diversos, de maneira interdisciplinar e mesmo multidisciplinar, já que a

¹² Cf. *ibidem*, p. 15.

¹³ A. GUIDENS, *A transformação da intimidade*, p. 22.

¹⁴ PAULO VI, O valor religioso do Concílio, em B. KLOPPENBURG (org.), *Concílio Vaticano II*, p. 496.

¹⁵ JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, n° 4.

sexualidade perpassa todas as áreas do saber e, em especial, da vida humana. Sentimo-nos impelidos a desenvolver uma reflexão “num âmbito *interdisciplinar*, tal como é necessário especialmente para os novos problemas”¹⁶.

Ao mesmo tempo, um discernimento permanente deve ser realizado, tendo em conta o aporte que podemos dar a partir da fé cristã, tendo em conta a contribuição da Igreja Católica. Ao conhecer as situações concretas, nós as iluminamos com a fé, nos abrimos à palavra da Sagrada Escritura, somos atentos à Tradição e ao Magistério da Igreja, buscamos cultivar valores que brotam do Evangelho e que traduzem o modo próprio de ser de Jesus Cristo.

A Igreja Católica busca um diálogo profundo com o mundo de hoje. Ela se abre à humanidade e se coloca com um dom de Deus a seu serviço. Quer responder com adequação às grandes questões de nosso tempo, numa ajuda ao ser humano que tem sede de realização. Por isso, a Igreja sabe que “deve entrar em diálogo com o mundo em que vive”¹⁷. É neste empenho que ela consegue ser palavra, mensagem, colóquio, sempre “atenta ao evoluir das situações” para “responder adequadamente aos novos problemas e ao novo modo de os impostar”¹⁸. Na obra evangelizadora, a Igreja sabe que “o homem é o primeiro caminho que ela deve percorrer na realização de sua missão... Não se trata do homem ‘abstrato’, mas do homem real, ‘concreto’, ‘histórico’...”¹⁹. Ciente de que sua comunidade se constitui de seres humanos reunidos em Jesus Cristo, a Igreja é ciosa em afirmar que “não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração”²⁰.

3.2. *A necessária impostação integral*

Sexualidade e realização humana andam juntas. Para melhor embasar este dinamismo, a impostação da Igreja Católica e da Teologia nela desenvolvida parte de uma antropologia integral. Esta busca considerar o ser humano “na plena verdade da sua existência, do seu ser pessoal e ao mesmo tempo do seu ser comunitário e social”²¹. No chamado de Deus, o ser humano é solicitado por inteiro, incluída a sua sexualidade, esta que é parte da obra que o Criador viu ser “muito boa” (cf. Gn 1,31). Com isso, está hoje superada a longa herança do dualismo encravado no cristianismo, que separava e até opunha realidades como corpo e espírito, realidades celestes e realidades terrestres, dando origem a uma visão de desprezo do corpo e a uma abordagem negativa da sexualidade.

O Conselho Pontifício para a Família, da Santa Sé (Vaticano), num documento sobre *Sexualidade humana: verdade e significado*, de dezembro de 1995, afirma taxativamente: “O ser humano é chamado ao amor e ao dom de si na *sua unidade corpórea-*

¹⁶ IDEM, *Carta encíclica Veritatis Splendor*, n° 30.

¹⁷ Cf. PAULO VI, *Encíclica Ecclesiam Suam*, n° 67.

¹⁸ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *A Doutrina Social da Igreja na formação presbiteral*, n° 11, p. 19.

¹⁹ JOÃO PAULO II, *Carta encíclica Centesimus Annus*, n° 53.

²⁰ CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, n° 1.

²¹ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *op. cit.*, n° 13, p. 20.

espiritual”²². Reiteramos, com isso, que todo dualismo que tende a separar e até a opor a sexualidade do todo do humano, numa impositação negativa, não corresponde à visão semita (bíblica) e, conseqüentemente, também não é cristã. Trata-se antes de uma infiltração grega, de fundo persa-irânico, que causou muito dano à consciência cristã. Nós cristãos e católicos, bebendo da fonte bíblica, só podemos cultivar um ser humano como *uno*; este só pode ser visto *por inteiro*, como “tudo aquilo que vive sob forma corporal”²³. O Concílio Vaticano II, captando a intuição bíblica, fez a seguinte afirmação:

Corpo e alma, mas verdadeiramente uno, o homem, em sua própria condição corporal, sintetiza em si os elementos do mundo material, que nele assim atinge sua plenitude e apresenta livremente ao Senhor uma voz de louvor. Não é, portanto, lícito ao homem desprezar a vida corporal, mas, ao contrário, deve estimar e honrar o seu corpo, porque foi criado por Deus e destinado à ressurreição no último dia²⁴.

Nesta mesma linha, o teólogo da moral Guy Durand assim se expressa:

O crente, que deseja ser fiel à fé, deve recusar todo desprezo, toda desvalorização do corpo sexuado. Só pode estar de acordo com uma concepção unitiva do ser humano, onde o corpo esteja intimamente vinculado ao ser, um pouco como o verso e o reverso de uma mesma realidade, ou como a interioridade exteriorizada. Só pode estar satisfeito com uma visão positiva do ser humano, pela qual o corpo, longe de ser uma prisão ou a sede da corrupção, é verdadeiramente significativo do ser²⁵.

É por inteiro, ou seja, em todas as suas dimensões que a pessoa humana é solicitada a viver a sexualidade. Esta se faz presente “no seu modo de ser, de se manifestar, de se comunicar com os outros, de sentir, de se expressar ou de viver o amor humano”²⁶. Todo o nosso ser é sexuado; aí estão inscritos os caracteres que nos acompanham rumo à maturidade e em nossa inserção na sociedade. A isso deve prestar atenção a educação.

Na perspectiva cristã, a educação afetivo-sexual deve considerar a totalidade da pessoa e exigir, portanto, a integração dos elementos biológicos, psico-afetivos, sociais e espirituais... Uma verdadeira ‘formação’ não se limita à informação da inteligência; deve dar particular atenção à educação da vontade, dos sentimentos e das emoções. De fato, para encaminhar à maturidade da vida afetivo-sexual é necessário o domínio de si, o qual pressupõe virtudes como o pudor, a temperança, o respeito de si e dos outros, a abertura ao próximo²⁷.

3.3. A sexualidade é um bem e cresce no amor

A Sagrada Escritura trata da sexualidade com equilíbrio e com um olhar sereno; ela está integrada na vida das pessoas e situada na criação. Trata-se de um dado fundamental

²² CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Sexualidade humana: verdade e significado*, n° 10, p. 13

²³ Cf. G. DURAND, *Sexualidade e Fé*, pp. 76-80.

²⁴ CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, n° 14.

²⁵ DURAND, Guy, *op. cit.*, p. 80.

²⁶ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Orientações educativas sobre o amor humano*, n°

4.

²⁷ *Ibidem*, n° 35.

do ser humano, homem e mulher. É tranqüila a afirmação, hoje, por parte da Igreja Católica de que “a sexualidade humana é, portanto, um Bem: parte daquele dom criado que Deus viu ser ‘muito bom’, quando criou a pessoa humana à sua imagem e semelhança e ‘homem e mulher os criou’ (Gn 1,27)”²⁸. A Bíblia aborda a sexualidade em todos os gêneros literários, quer na narrativa e a lei, quer na profecia e a sabedoria e em tantas formas líricas. Com isso, a Igreja Católica tem claro que a sexualidade humana “é um componente fundamental da personalidade”, bem como “parte integrante da capacidade concreta de amor que Deus inscreveu no homem e na mulher”²⁹. Assim, ela constitui-se num dom de Deus, numa das maiores riquezas do ser humano. É por meio dela que crescemos como pessoas, como família, como comunidade e como sociedade.

A sexualidade nos reenvia igualmente a algo fundamental no ser humano: o Amor! A sexualidade nos remete constantemente ao outro, à outra, sendo por isso fator de humanização e de sociabilização. Este caráter relacional, na reciprocidade com o outro, tem no amor e no dom de si os elementos chave para a realização humana. “O amor quer doar, criar o bem, tornar feliz”³⁰. “O ser humano é chamado ao amor e ao dom de si”³¹. Como pessoas de fé, sabemos que a sexualidade enquanto *dom* encontra sua real fecundidade no *amor*. Por isso, o posicionamento da Igreja Católica é claro, ao afirmar:

A sexualidade deve ser orientada, elevada e integrada pelo *amor* que é o único a torná-la verdadeiramente humana. Preparada pelo desenvolvimento biológico e psíquico, cresce harmonicamente e realiza-se em sentido pleno somente com a conquista da maturidade afetiva, que se manifesta no *amor* desinteressado e no total *dom* de si³².

Este amor cultiva o bem, quer ver as pessoas felizes, investe numa sociedade justa e fraterna. “O amor é verdadeiro quando *cria o bem das pessoas e da sociedade*, cria-o e dá-o aos outros”³³. Supera-se, assim, qualquer forma de narcisismo, de individualismo e de indiferença. A sexualidade adquire no amor o ser rosto verdadeiramente humano e humanizante; integra a civilização do amor como caminho natural da Igreja, sendo esta a sua contribuição à sociedade. Vivida assim, a sexualidade aproxima as pessoas, cria comunhão entre elas, constrói o bem, edifica a justiça, cultiva o amor e torna-se inclusive caminho para o próprio Deus. Ela torna visível a imagem e semelhança de Deus em nós.

Considerações finais

O espaço previsto para este texto finda. Permanece, no entanto, clara a impostação positiva da Igreja Católica em relação à sexualidade. Integrá-la buscando amadurecer, como processo que perpassa a vida toda, dá à sexualidade sua real amplitude e importância.

²⁸ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *op. cit.*, n° 11.

²⁹ Cf. *ibidem*, n° 10.

³⁰ K. WOJTYLA, *Amour et responsabilité*, p. 41.

³¹ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *op. cit.*, n° 10.

³² CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *op. cit.*, n° 6.

³³ JOÃO PAULO II, *Carta às famílias*, n° 14, p. 45.

Por isso, não é possível cair em visões parciais, reducionistas, fragmentadas que transformam a sexualidade em objeto, de uso e abuso. A sexualidade não se reduz a uma de suas dimensões por mais importante que seja; ela sempre remete para o todo do humano, para a totalidade da pessoa. O ser humano não se reduz a um “fragmento” nem a uma “miniatura”, nas quais resvalam não raras vezes a modernidade e a pós-modernidade.

A sexualidade é mais do que uma pulsão ou os instintos, mesmo que estes estejam inscritos na natureza humana e façam parte dela. No entanto, esta mesma natureza distingue-se no humano pela sua capacidade reflexiva e pelo seu discernimento moral. O ser humano não pode renunciar a este distintivo no concerto da criação. Enquanto ser consciente, é capaz de reflexão e avaliação; enquanto ser moral, é capaz de escolher os meios e adequá-los aos fins; enquanto ser social, é capaz de buscar o bem das pessoas, das famílias, das comunidades, enfim da sociedade; enquanto ser espiritual, é capaz de transcender, de ir além, de não parar num patamar ou resvalar num reducionismo para cair no vazio das meras caricaturas da sexualidade, traindo a grandeza da dignidade na qual ele foi dotado pelo próprio Criador.

Deixemos o *Documento de Aparecida*, fruto dos trabalhos da V Conferência geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, nos dedicar umas palavras:

Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus [...] . Surge hoje, com grande força, uma sobrevalorização da subjetividade individual [...]. O individualismo enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço, dando papel primordial à imaginação [...]. Deixa-se de lado a preocupação pelo bem comum para dar lugar à realização imediata dos desejos dos indivíduos, à criação de novos e muitas vezes arbitrários direitos individuais, aos problemas da sexualidade, da família, das enfermidades e da morte³⁴.

A vida nova de Jesus Cristo atinge o ser humano por inteiro e desenvolve em plenitude a existência humana ‘em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural’ [...]. Só assim será possível perceber que Jesus Cristo é nosso salvador em todos os sentidos da palavra [...]. A vida em Cristo inclui a alegria de comer juntos, o entusiasmo para progredir, o gosto de trabalhar e aprender, a alegria de servir a quem necessite de nós, o contato com a natureza, o entusiasmo dos projetos comunitários, o prazer de uma sexualidade vivida segundo o Evangelho, e todas as coisas com as quais o Pai nos presenteia como sinais de seu sincero amor³⁵.

Referências Bibliográficas

AGOSTINI, N. *Ética e evangelização: A dinâmica da alteridade na recriação da moral*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

³⁴ V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, *Documento de Aparecida*, n° 44.

³⁵ *Ibidem*, n° 356.

- . *Ética cristã e desafios atuais*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CARIDADE, A. *Sexualidade: Corpo e Metáfora*. São Paulo: Iglu, 1990.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *A Doutrina Social da Igreja na formação presbiteral*, Petrópolis: Vozes, 1989 (Documentos Pontifícios 229).
- . Orientações educativas sobre o amor humano. In: *SEDOC* 16 (1984), pp. 771-792.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARARA A FAMÍLIA *Sexualidade humana: verdade e significado*. Orientações educativas em família. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DURAND, G. *Sexualidade e Fé: Síntese de Teologia Moral*. São Paulo: Loyola, 1989.
- GASTALDI, I. *Educar e evangelizar na pós-modernidade*. São Paulo, Dom Bosco, 1994.
- GUIDENS, A. *A transformação da intimidade*. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP. 1992.
- IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Documento de Santo Domingo: Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1982.
- . *Carta encíclica Centesimus Annus*. Petrópolis: Vozes, 1991 (Documentos Pontifícios 241).
- . *Carta encíclica Veritatis Splendor*. Petrópolis: Vozes, 1993 (Documentos Pontifícios 255).
- . *Carta às famílias*. Petrópolis: Vozes, 1994 (Documentos Pontifícios 256).
- KLOPPENBURG, B. (org.). *Concílio Vaticano II*. Quarta sessão (novembro-dezembro de 1965), Petrópolis: Vozes, 1966.
- LIPOVETSKY, G. *O crepúsculo do Dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.
- . *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Lisboa: Relógio D'Água Editorial, 1983.
- . *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MARDONES, J. M., *Postmodernidad y cristianismo: El desafío del fragmento*, 2ª ed., Bilbao/Santander: Sal Terrae, 1988.
- ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- PAULO VI. *Encíclica Ecclesiam Suam*. Petrópolis: Vozes, 1964 (Documentos Pontifícios 147).
- V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. *Documento de Aparecida*, Brasília/São Paulo: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.
- VIER, V. (coord.). *Compêndio do Vaticano II*. Constituições, decretos, declarações. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- WOJTYLA, W. *Amour et responsabilité*. Paris: Stock, 1985.